

# Nove Atos de uma Vida

*Tereza Cristina Cerqueira da Graça*

## Ato 1

Boi, boi, boi  
Boi da cara preta  
Pegue essa menina  
Que tem medo de careta

357  


Era novembro de 1934. Seu Teófilo Fontes está azucrinado. Anda na sala da casa de um lado para o outro. Um amigo chega, outro amigo chega e mais outro. Ficam todos na porta da casa. Homem não entra nessas horas! Dona Marieta D'Ávila está nas 'dor do parto'. No quarto, o alvoroço da parteira: "Chega, ajuda aqui que o bruguelo tá coroadando!" Não era um bruguelo. Era uma bacurinha de cabelinhos ralos, pretinhos e lisinhos; olhos curiosos, como se procurasse entender o mundo onde acabava de entrar. De repente, buliu seus beicinhos finos e fixou os zoinho no Boi da Cara Preta: Não tenho medo de você! Arrede daqui pra fora, agora! E o boi abaixou a cabeça, sacolejou os chifres, deu uma rabiada e saiu disparado. Nunca mais quis saber de meter medo naquela menina!

1 Texto produzido a partir da tese de doutorado de Rísia Rodrigues Silva Monteiro: OS SABERES E FAZERES DE AGLAÉ D'ÁVILA FONTES: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005). São Cristóvão: UFS, 2021.

## Ato 2

Eu sou pobre, pobre, pobre  
De marré, marré, marré  
Eu sou pobre, pobre, pobre  
De marré, descí...  
Eu sou rica, rica, rica  
De marré, marré, marré...

O pai era um andejo. Vivia mudando de cidade. Em Riachuelo, moraram numa casa grandona, cheia de lugares para brincar e imaginar. E com uma mãe inventadeira como Dona Marieta... ai, era que a menina se esbaldava! A mulher era o raio da silibrina! Inventou criar uma vaca, fazer uma horta, criar pombos: eram 44 pombos, acreditem! Era pombo voando, comendo e cagando pra todo lado! E metia a filha em tudo! A menina não precisava da noite pra ver a lua fazendo réstia no maré, mas a pitomba azeda do quintal lhe fazia uma careta tão careta que dava um teatrinho bem engraçado! O pai, espírita e maçom, questionava a mulher protestante: Oxente, essa sua Igreja é muito cheia de labafero! Botou a menina pra cantar e agora bota pra fazer drama! Essa menina tem que perder o acanhamento, Teófilo! Pois é, Dona Marieta levava a filha para os animados cultos da sua igreja. Aos cinco anos, toda sibite nos seus vestidinhos de cassa e babadinhos feitos pela mãe jeitosa, a menina cantava, recitava poesias e participava de dramas com desenvoltura e graça!

358

## Ato 3

A linda rosa juvenil, juvenil, juvenil  
A linda rosa juvenil, juvenil  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar, no seu lar  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar  
Mas uma feiticeira má, muito má, má  
Mas uma feiticeira má, muito má  
Adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim  
Adormeceu a rosa assim, bem assim

Chegou o dia e a hora da escola. Melhor aprender a ler na escolinha da vizinha, Tia Elze. A mãe conversou com o pai: como a

menina vai tirar um primário bem-feito se a gente fica se arribando de cidade em cidade? Melhor arriá esta menina em Itabaianinha, na casa dos avós, para estudar no Grêmio Escolar Serrano. Sabendo que o diretor era um exímio pianista, Dona Marieta botou a menina para aprender a tocar piano. E aprendeu logo, e tomou gosto. No encerramento do primário, tava ela lá, declamando poesia e tocando composições clássicas, ao lado da tia Guiomar. Essa menina amostrada era mesmo filha de Marieta! Arri, que menina inventadeira! Ela queria bem aos avós, à escola e adorava aprender coisas novas, mas tinha ligeireza em enfiar tudo na cabeça só pra voltar pra casa nas férias e traquinar com Dona Marieta!

#### Ato 4

Não há, oh gente  
 Oh não luar como este do sertão  
 Não há, oh gente  
 Oh, não luar como este do sertão  
 Oh, que saudade do luar da minha terra  
 Lá na serra branqueando folhas secas pelo chão  
 Esse luar, lá da cidade, tão escuro  
 Não tem aquela saudade do luar do lá do sertão

O presente mais presente naquela família eram livros. O pai lia Alan Kardec, a mãe lia a bíblia e a menina devorava contos de fadas, travessuras de Narizinho, O Mundo da Criança e a revistinha Tico-Tico, aquela de Manoel Bomfim. Acabou o primário e Seu Teófilo foi transferido para São Cristóvão. Agora, tava tão agarradinho da capital que resolveu botar a família em Aracaju. A menina e os irmãos careciam de estudar em boas escolas. Dona Marieta admirava as normalistas da Escola Normal. Não via a hora de ver a filha naquela farda elegante e garbosa. Boa de cabeça, a menina passou no exame de admissão. E a música?! Ligeiro, Dona Marieta matriculou a mocinha no Instituto de Música e Canto Orfeônico de Sergipe, o famoso IMCOSE. Estudava pela manhã e, na boquinha da noite, ia para o Instituto de Música. Ah! Mas não andava sozinha naquelas noites ‘perigosas’ da capital, não! Dona Marieta ia mais a filha e fi-

cava lá esperando até a aula terminar. Aos 18 anos, a aluna talentosa do maestro Genaro Plech concluía sua formação em piano. Mas, por aquele tempo, a pianista clássica já adorava tocar as canções populares representativas da alma do povo brasileiro, como dizia Villa Lobos.

### Ato 5

Dó, ré, mi, fá, fá, fá  
 Dó, ré, dó, ré, ré, ré  
 Dó, só, fá, mi, mi, mi  
 Dó, ré, mi, fá, fá, fá  
 Eu vi uma barata na careca do vovô  
 Assim que ela me viu  
 Bateu asas e vou...

360

Agora, a moça já ‘moça feita’, estudante do Atheneu, tinha lá seus caprichos. Mesmo não lhe faltando nada, queria ser independente, ter seus próprios tostõezinhos. E isso começou ainda adolescente, quando aproveitava o tempo livre para dar aulas de piano. Era um dinheirinho pouco, mas era meu! Assuntava consigo mesma. Antes de completar 18 anos, arrumou um serviço no Jardim de Infância da Legião Brasileira; foi tocar piano acompanhando as cantigas da recreadora dos pequeninos. Enquanto isso, Seu Teófilo se queixava do acuvitamento musical de Dona Marieta: Sim, Marieta eu sei que ela tem talento, mas música não enche barriga de ninguém! Essa menina tem que arrumar um emprego público para garantir o futuro! Era o ano de 1954. Contrariando a opinião do pai e seguindo os conselhos da professora Cândida Ribeiro, a pianista resolveu frequentar um curso livre, na área da Educação Musical para Crianças, na Universidade Federal da Bahia. E num é que Seu Teófilo emprestava dinheiro pra moça ir à Salvador! E ela se aperreava pra devolver o empréstimo! Mocinha tihosa, essa!

**Ato 6**

Foi na loja do Mestre André  
 Que eu comprei um pianinho  
 Plim, plim, plim, um pianinho (02 vezes)  
 Foi na loja do mestre André  
 Que eu comprei um tamborzinho  
 Tum, tum, tum um tamborzinho (02 vezes)  
 Ai olé, ai olé  
 Foi na loja do Mestre André (02 vezes)

Em Salvador, conheceu musicistas do Brasil inteiro e encantou-se com a pianista Rosita Salgado, fundadora da Escolinha de Arte da Bahia. Aprendeu a combinar sons e corpo e ficou tão avexada que resolveu abrir sua própria escolinha de música. Mas, os dramas que Dona Marieta enfiou na menina deixaram marcas. Aos 17 anos, atuou no espetáculo Tapete Mágico, no Cine Rio Branco; um evento para ajudar a Escola Espírita ‘Casa do Pequenino’, uma iniciativa que ganhou retaliações de um poderoso padre. Dona Marieta nem xite! Vá, minha filha, é para uma boa causa! E lá estava a moça tocando acordeom, dançando mambo, chula e can-can. Foi um sucesso! Depois, em Propriá, tocou e cantou em língua francesa. Marieta não se deu por satisfeita. Atinou mais um desafio para a filha: Monte um espetáculo pra gente arrecadar dinheiro para o Asilo Rio Branco. Bora? Eu lhe ajudo! Assim, a artista escreveu ‘Fantasia Colorida’. Outro sucesso. Enquanto isso, na Escolinha de Música, suas crianças tocavam, cantavam e encenavam peças infantis. Daí para o programa Gato de Botas, na Rádio Cultura, foi um pulo! E daí para outras ousadias foram pulos e pulos: o Mamulengo do Cheiroso, o Grupo Expressionista, Teatro do Sesi e o Tegebê.

**Ato 7**

Os Estados Brasileiros se apresentam  
 Nesta festa de alegria e esplendor  
 Jovens misses seus Estados representam  
 Seus costumes, seus encantos, seu valor (Canção das Misses – Ellen de Lima)

E não basta ser musicista, professora, escritora, teatróloga, atriz,,,, tinha que ser também MISS?!!! Pois é, a moça virou Miss Centenário de Aracaju, em 1955. Naquele certame, não bastava ser bonita, tinha que arrecadar dinheiro para os ‘pracinhas’ sergipanos que passavam dificuldades – os bichinhos num tinham nem o dicumê todo dia! Então, vencia quem vendesse mais votos. Uma moça tão bem relacionada e com tantos amigos no rádio... Saiu com sua trupe alegre e determinada para o interior e vendeu um montão de votos. Ganhou, claro! Recebeu a faixa e a coroa num concorrido baile na Associação Atlética. Por esse tempo, se engraçou por um colega do rádio e do teatro. Do chamego pro casamento NÃO foi um pulo. Uma gente fardada e de arma na mão atrapalhou o enlace. Chega, valha-me Deus! Prenderam o noivo! Então, somente no final daquele primeiro ano dos ‘anos de chumbo’, o casório aconteceu. Pobrezinha, quase fica no caritó! Daí vieram um menino e uma menina para a alegria do casal.

362



## Ato 8

Quando eu cheguei nessa casa  
 Eu perguntei  
 Eu perguntei se eu podia rezar (repete)  
 Ajoelhar devarinho  
 Guerreiro fazendo pelo sinal (repete)

Em toda cidade que a família D’Ávila Fontes residiu tinha festa de padroeira e, em festa de padroeira, não faltavam Reisado, Cumbi, Chegança, Caboclinhos e Lambe-sujos. Dona Marieta num podia ver um folguedo que se alvoroçava atrás puxando a menina pela mão. Apôis, não deu outra! A menina também se encantou com aquele povo cheio de fitas e cores e danças e cantos. Virou observadora atenta e, depois, pesquisadora, autora de livros, incentivadora e promotora da tradição popular sergipana. Levou aqueles saberes para suas aulas na UFS, fazendo surgir novos atores e grupos, a exemplo do Mamulengo do Cheiroso. Levou também para todos os órgãos que administrou, recebendo muitas homenagens e até vi-

rando tema de tese de doutorado! Nunca mais se despartou desse povo colorido e alegre. Afinal, foi com ele que aprendeu que o Natal é uma homenagem ao menino-Deus, que nasceu numa manjedoura e não um regabofe cheio de neve, peru e presentes. Acredita que Deus está em todo lugar em que haja fé e esperança, por isso é capaz de rezar em qualquer templo. Mas tem uma cisma com Papai Noel...

## Ato 9

Tenho que casar  
Sem meu noivo me amar  
Sou tão infeliz  
Mas tenho que.. ir... até o fim. (Ópera do Milho)

A menina de Dona Marieta virou moça, a moça virou mulher, a mulher virou a ‘Dama da Cultura Popular Sergipana’. Comandou muitas instituições e órgãos da educação e da cultura de Sergipe, mas a gestão que até hoje lhe mareja os olhos, foi o Centro de Criatividade Governador João Alves Filho – o Lugar de Experimentar e Descobrir. Para lá, cavucou muita gente boa nas artes e conseguiu fazer um trabalho que a Caixa d’Água e os sergipanos jamais esquecerão: botou teatro, música, literatura, fotografia, cinema, esporte, desenho, pintura, cerâmica, brinquedos e folguedos e danças folclóricas, formou arte-educadores. Quem não se lembra do Festival Novo Canto? E do Arraial do Arranca Unha?! E da Ópera do Milho?!!! Quando adentrou na oitava década de vida, muitos pensaram que ela tava gasturada de tanta estripulia; que agora iria tomar café com as amigas, cuidar de plantas e rever escritos antigos não publicados. E num é que aparece um povo quase órfão e lhe coloca um novo desafio! A octogenária senhora continuava com a alma espevitada e malina, e quase não titubeou: acidiu o grupo e aceitou presidir um lugar onde havia feito muitas apresentações ao piano, palestras e outros eventos. Desde 2018, Aglaé D’Ávila Fontes preside o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.



TODOS:

Por tudo isso, todos nós te agradecemos e te homenageamos, Aglaé D'Ávila Fontes, pelas suas nove décadas de vida dedicadas às coisas do povo sergipano!

Jogral apresentado no Museu da Gente Sergipana, por ocasião da celebração dos 90 anos da Profa. Aglaé D'Ávila Fontes, em 04 de novembro de 2024. Declamado por Tereza Cristina Cerqueira, Joana Angélica Gonçalves e Lindolfo Amaral, sob a direção deste último. As músicas foram cantadas por Ana Kely Lobão Cerqueira.

